

O multilateralismo da União Europeia diante da guerra híbrida com a Rússia

HELENA GIUSTI E
HENRIQUE FERNANDES

Desde a invasão da Ucrânia em 2022, a força do multilateralismo da União Europeia (UE) para promover a paz e a própria influência tem sido constantemente testada pela Rússia. Com a continuidade do conflito na Ucrânia e diante do que a UE interpreta como uma guerra híbrida (Ball, 2023) em ascensão, os russos têm lembrado o bloco de que são adeptos explícitos da política de poder. Em setembro, a violação sem precedentes do espaço aéreo polonês por quase vinte drones russos (BBC, 2025; CNN Brasil, 2025) foi seguida por uma série de incursões aéreas em território europeu, como na Alemanha, Romênia, Noruega, Dinamarca, Estônia e Lituânia, sendo a autoria incerta em parte dos casos (Freitas, 2025; GI, 2025; CNN Brasil, 2025). Essa conjuntura escala as tensões entre a União Europeia e a Rússia, dado que o bloco interpreta esses acontecimentos como provocações e tentativas russas de desestabilizar a Europa por meio de uma guerra híbrida (Freitas, 2025). Diante das acusações, a Rússia alega o caráter incidental das incursões ou não se pronuncia (BBC, 2025; CNN Brasil, 2025; GI, 2025). No entanto, as violações russas revelam uma preocupação do país com as novas dinâmicas securitárias mais contundentes da UE e com a possibilidade de expansão do bloco e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para a Ucrânia.

Nesse contexto, essa análise parte do pressuposto de que a União Europeia enfrenta, cada vez mais intensamente, a “zona cinzenta” da guerra híbrida. Compreende-se que esse desafio, em um cenário de guerra da Ucrânia, de pressões e ambiguidades americanas e de dinâmicas internas do bloco, fortalece o multilateralismo europeu securitário. Diante disso, os europeus precisam de coesão frente a um tipo de hostilidade que mistura técnicas convencionais e não convencionais, como ciberataques, campanhas de desinformação, pressão econômica e operações militares, e é multidimensional, não possuindo forma definida (Ball, 2023). Assim, analisa-se e questiona-se a força do multilateralismo da UE em meio à crise de incerteza, durante 2025², por meio de suas respostas

²Foram considerados os acontecimentos até o dia 03/11/2025.

institucionais às ameaças híbridas russas e à oscilação americana, ademais de sua relação com os movimentos eurocéticos. Esse cenário desfavorável poderia indicar o multilateralismo como instituição falida, sem considerar que nem todos os seus aspectos estão em crise, como seu potencial de reformulação estratégica e competitiva diante de uma política de poder.

A resposta institucional do multilateralismo: o European Readiness 2030 e a PESC

O último Livro Branco da UE, “European Defence-Readiness 2030” (2025), estabelece o fortalecimento das capacidades de defesa do bloco por meio de mecanismos robustos de financiamento interno. Busca-se aumentar a prontidão e a competitividade da indústria bélica europeia, a mobilidade militar e a interoperacionalidade entre membros, além da aquisição de poderio bélico suficiente para superar fragilidades, inclusive contra métodos não convencionais. O documento sugere que o multilateralismo europeu passou a ser guiado por uma “balança de ameaça” (Duffield, 2018), o que empurra a cooperação para uma direção securitária e favorece a interpretação das incursões aéreas como elementos penetrantes a informações geoestratégicas sensíveis, como posição de bases e recursos. Nesse aspecto, as incursões aéreas são lidas, pelos europeus, como uma guerra híbrida por seu caráter violador, sistemático, desestabilizador e incerto, de modo que o Livro Branco prescreve instrumentos de poder para equilibrar o potencial de ameaça sobre a UE.

Contudo, para implementar uma política única de defesa é preciso constranger cisões endógenas. Essas divisões advinham da primeira configuração da Política Externa e de Segurança Comum (PESC), que exigia unanimidade na “aplicação de uma estratégia comum” (União Europeia, 2025). Houve, em 2009, na iminência da explosão eurocética, a tentativa de correção dessa fragilidade pelo Tratado de Lisboa, que permitiu a cooperação militar no bloco sem adoção forçada por todos os Estados-membros (Costa, 2020). Todavia, a necessidade de arrefecer tais tensões aponta para o euroceticismo como fonte de desagregação interna, representando uma ameaça à coordenação comum, tão vital em meio à dita guerra híbrida.

No presente, o plano de rearmamento do Livro Branco destaca o multilateralismo militar da PESC como o melhor instrumento de poder para a segurança da UE e, conseqüentemente, para a defesa da ordem internacional baseada em princípios e valores democráticos liberais, a qual incorpora o poder normativo europeu (Infante, 2022) diante de questões territoriais. Orientado por diretrizes da OTAN e pela complementaridade — não dependência —, o plano demonstra que a UE tem se responsabilizado cada vez mais pela sua segurança coletiva em prol de uma maior autonomia estratégica, rompendo com a inércia da PESC. Nesse sentido, o multilateralismo é tido como coordenação de políticas entre três ou mais países por instituições (Keohane, 1990) com um objetivo, que pode não ser somente a paz global ideal, em crise, mas também a segurança regional diante da guerra híbrida.

Esse direcionamento é claramente visto na Iniciativa Europeia para Drones, que visa a lançar um “muro anti-drones” com sistemas de detecção e interceptação até 2027 (AFP, 2025). A UE, desde as violações híbridas de setembro, pressiona por mais agilidade nessa resposta conjunta. A hostilidade russa parece ter catalisado, portanto, a coesão europeia em torno da defesa, tema relegado por décadas, e fortalecido o multilateralismo do bloco ao desafiar o projeto europeu de transcendência do poder, o qual pode também ser lido como a limitação aos retornos de poder (Ikenberry, 2001). A resposta europeia, como veremos, curiosamente busca conciliar a antes condenada política de poder com a manutenção da ordem internacional multilateral, mas agora guiada mais pela dissuasão bélica do que pela paz institucional.

O multilateralismo europeu molda-se à política de poder russa

A União Europeia agora parece romper com a ideia de que “os europeus não precisaram de poder para conquistar a paz, e não precisam de poder para preservá-la” (Kagan, 2003, p. 60). Considera-se que a UE enfrenta um desafio estratégico (Booth; Wheeler, 2018) com a Rússia ao interpretar as posturas do país como ofensivas e cada vez mais provocativas e escancaradas, como as violações do espaço aéreo europeu. Apesar das negativas russas sobre as ocorrências, a UE parece guiar-se pela incerteza insolúvel (Booth; Wheeler, 2018), ou seja, a única certeza é

a incerteza quanto às reais intenções do rival.

Nesse cenário, a UE constrói um antagonismo: dentro do bloco, a incerteza insolúvel desfaz-se pela ausência de belicosidade entre os membros, cujas disputas e intenções, por conseguinte, incorrem somente em desavenças normais à vida democrática (Booth; Wheeler, 2018); mas fora do bloco, essa incerteza é persistente devido à rápida deterioração da paz com a Rússia (UE, 2025). A nação eslava é tida como um Estado que desafia o direito internacional e a *rule of law* neoliberal vigente, buscando transformá-la em uma ordem que, para os europeus, violaria a sua cultura estratégica de negociação, diplomacia e de transcendência do poder (Kagan, 2003), ou seja, os recursos tradicionais da UE diante de dilemas. Assim, mesmo que alegadamente seja para defender-se de uma expansão da OTAN, a Rússia de fato impõe a política de poder nas relações com o continente.

Apesar das animosidades com a Rússia, nem sempre esse foi o clima na Europa Oriental. Em 2012, Lavrov oferecia a base de Ulyanovsk para operações multilaterais da OTAN no Afeganistão (The Moscow Times, 2012). Em 2021, os gasodutos Nord Stream 1 e 2 assentavam-se como parceria econômica vital entre Rússia e Alemanha. Atualmente, a Rússia realiza operações de vigilância não autorizadas sobre o território polonês e ambos os gasodutos estão subutilizados (The Guardian, 2025). Ou seja, o multilateralismo interregional não parece mais viável, como na década passada.

Essa conjuntura pressiona iniciativas como a Bússola Estratégica da UE (2022), lançada no início da guerra na Ucrânia, a ampliar a zona de influência por meio de cooperação militar em regiões de interesse russo e chinês, como junto à União Africana (União Europeia, 2022). Aponta-se, assim, para uma aposta no multilateralismo com outra região num projeto de competitividade da UE no cenário militar internacional, inclusive por mecanismos de intervenção externa da PESC (Costa, 2020). Questiona-se, então, a suposta crise do multilateralismo de maneira generalizada, pois há intensificação desse tipo de relação na esfera inter-regional, na busca por novos aliados contra rivais. O país eslavo, nesse contexto, alinha-se com a China, maior refinadora de terras raras do globo (France 24, 2025) e fonte de suspeitas para a UE devido aos seus altos gastos militares (União Europeia, 2025). Logo, em um multilateralismo competitivo, aumentam-se as tensões porque um aliado russo relevante possui recursos

essenciais à indústria bélica moderna.

Dessa maneira, a UE, ao vincular a segurança europeia com a manutenção de uma ordem que “submete as relações internacionais ao Estado de direito” (Everts, 2001, p. 10 apud Kagan, p.62, 2003), acabou por definir para si uma missão que necessariamente exige poder, diante do desafio estratégico russo. Logo, a própria UE coloca peso no seu lado da “balança de ameaça” através da retomada da política de poder, expressa no rearmamento europeu. Assim, exprime-se o objetivo de dissuadir e de contra-ameaçar a Rússia, além de permanecer como um ator relevante e mais independente nos rumos da ordem internacional.

O multilateralismo europeu molda-se à ambiguidade dos Estados Unidos

O fortalecimento e redirecionamento do multilateralismo europeu para uma política de poder, no entanto, não são apenas obra dos russos, mas também resultados de ambivalências e de pressões estadunidenses. Por muito tempo, “a Europa tornou-se dependente da disposição americana de usar seu poderio militar para conter e derrotar aqueles que, ao redor do mundo, ainda são partidários da política de poder” (Kagan, p.75, 2003), de modo que a PESC, por exemplo, ficou em segundo plano frente a outras iniciativas de integração europeia, mais alinhadas aos ideais institucionalistas da UE. Os Estados Unidos (EUA), porém, não estão mais tão dispostos a serem os garantidores externos da segurança europeia.

Desde o final da Guerra Fria, os EUA voltaram-se cada vez mais para seu interesse nacional, não mais identificados com a coesão, unidade e bem-estar do “Ocidente” (Kagan, 2003). A guerra da Ucrânia e a guerra híbrida russa colocaram, de modo muito imediato, a necessidade de provimento de segurança pela própria autonomia estratégica da UE em meio ao distanciamento americano, acentuado pela política de “America First” de Trump.

Em menos de um ano de mandato, por exemplo, o presidente americano chegou a suspender a ajuda militar à Ucrânia, defendeu que o país cedesse territórios, depois apoiou a integridade territorial ucraniana, defendeu o congelamento das linhas de frente para uma possível

reconfiguração territorial, ameaçou a Rússia com um submarino nuclear e depois diminuiu suas tropas no leste europeu (BBC, 2025; G1, 2025; Holland, 2025; Reuters, 2025; Faulconbridge, 2025; Hunnicutt, 2025; Bertrand, 2025). A postura instável, frequentemente controversa, e as intenções opacas do mandatário sugerem a incerteza insolúvel na relação com os EUA. Essa condição desperta desconfiança na UE, inclusive quanto ao primado do direito internacional para os EUA, pois o bloco entende que ceder os territórios, como Trump sugere, seria uma recompensa e um estímulo ao agressor (UE, 2025). A UE, logo, reage rearmando-se na esperança de participar da definição do mapa do próprio continente.

Os EUA, então, pressionam a Europa a assumir uma política de poder própria e de segurança autônoma, não porque necessariamente defendem o direito internacional, como demonstram tendências iliberais de Trump, mas porque não enxergam mais na segurança europeia uma relação tão direta com os interesses da “America First”, priorizados em termos de custos. Logo, o fortalecimento do multilateralismo de defesa da UE é também uma resposta a um aliado que parece cultivar outros sistemas de valor e, por consequência, atribuir interpretações distintas àquilo que constitui uma ameaça (Duffield, 2018). A UE, assim, escolhe estrategicamente desenvolver uma segurança autônoma contra a Rússia e sua guerra híbrida e reiterar a integridade territorial da Ucrânia. Os europeus respondem, desse modo, à incerteza insolúvel derivada da ambivalência dos EUA.

O multilateralismo europeu e o euroceticismo

O euroceticismo popularizou-se devido a crises econômicas e migratórias na Europa do começo dos anos 2010. No estopim da guerra na Ucrânia, os custos econômicos de auxílio da UE ao país igualmente impulsionaram o movimento (Modern Diplomacy, 2025), por mais que hoje pareça incondizente frente à crescente imprevisibilidade ao leste. É incondizente porque, como um produto de discursos popular-chauvinistas, ele fragmenta a coesão do bloco e o vulnerabiliza diante de uma ameaça comum, principalmente ante o abandono americano.

A Itália de Meloni, apesar de defender o auxílio à Ucrânia na guerra (Modern Diplomacy, 2025), pode criar fissuras na coesão europeia por outros meios, como políticas fiscais

comuns. Igualmente, Varsóvia, apesar de militante contra o expansionismo russo, adota hoje majoritariamente a máxima de “priorizar o próprio povo” acima do ucraniano (Modern Diplomacy, 2025). Ou mesmo a Hungria de Orbán, que nutre alinhamento com Putin e Trump (Reuters, 2025), contrariando a unidade do bloco. Isso dificulta o processo de integração dos parques industriais bélicos na UE, altamente dependentes de consenso político-fiscal quanto ao cofinanciamento estipulado pela “prontidão europeia [para guerra]”, do Livro Branco.

Tal conjuntura aponta para dificuldades internas da UE em efetivar a PESC frente à guerra híbrida, devido à miríade de posições destoantes internamente. Entretanto, apesar da questão orçamentária preocupar os mais eurocéticos no Parlamento Europeu, a cooperação militar parece inevitável. Logo, tal conjuntura aponta para o euroceticismo como um elemento de instabilidade interna de um bloco aparentemente coeso e deixa à mostra certa fragilidade do mote universalista do multilateralismo tradicional europeu, reconfigurando-o. Esse cenário indica uma cooperação em áreas vitais, mas um clima geral de desconfiança em competências administrativas e na relação com interesses externos permeados pela incerteza insolúvel, como os da Rússia e os dos EUA.

Considerações Finais

Por tudo isso, trata-se aqui do surgimento de um multilateralismo reativo, voltado à autodefesa, não mais à prevenção de conflitos. Nesse sentido, o multilateralismo intrarregional provavelmente se fortalecerá na Europa no futuro próximo, principalmente na área militar. Essa parece ser uma das poucas opções viáveis ao se deparar com a crescente imprevisibilidade não só de uma ameaça geopolítica e econômica a leste, com Rússia e sua aliança tácita com a China, como também do abandono ambíguo de um aliado histórico vital a oeste, os EUA. O problema é que a mobilização europeia é entendida, pela UE, como autodefesa, como se a Rússia tivesse papel unilateral na intensificação da crise, enquanto essa, por sua vez, alega proteção preventiva à expansão da União Europeia e da OTAN, devolvendo aos europeus o pioneirismo provocativo. Em outras palavras, a conjuntura aparenta caminhar para uma escalada armamentista retroalimentada pelas partes.

Assim, o desejo pela manutenção da ordem liberal favorável aos europeus, dentro de seus interesses,

aparenta à UE caminhar lado a lado com o rearmamento em massa da Europa e com a integração num complexo militar internamente interdependente e externamente autônomo. Mesmo diante de certo ceticismo de alguns países-membros a políticas específicas e da existência de retóricas populistas divisivas, o multilateralismo europeu em alguma medida prevalecerá, ainda que como política de poder. O fortalecimento institucional pelas novas estratégias de segurança e defesa aponta nessa direção, colocando os russos como rivais e eliminando, dado o contexto de guerra híbrida, a antiga possibilidade de cooperação. A UE, dessa maneira, parece construir a própria política de poder multilateral para engajar-se ativamente no clima de guerra híbrida. Restará saber, com o tempo, se o novo multilateralismo securitário será páreo à Rússia, independente o suficiente dos EUA e se defenderá a coesão dos valores liberais para além de uma reação securitária.

Referências

AFP. UE planeja construção de “muro antidrones” até 2027 com ajuda da Ucrânia. **UOL**, 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/10/15/ue-quer-um-muro-antidrones-plenamente-operacional-ate-2027.htm>. Acesso em: 1 nov. 2025.

AHMED, Arman. Europe 's Ukraine Dilemma: Defending Kyiv Amid Rising Euroscepticism. **Modern Diplomacy**, 2025. Disponível em: <https://moderndiplomacy.eu/2025/03/10/europes-ukraine-dilemma-defending-kyiv-amid-rising-euroscepticism/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ANTONOV, Dimitry. Kremlin says Orban 's good ties with Trump and Putin are reason for holding summit in Hungary. **Reuters**, 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/why-budapest-kremlin-says-orban-has-good-ties-with-both-trump-putin-2025-10-20/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

BALL, J. The Changing Face of Conflict: What is Hybrid Warfare?. **Global Security Review**, 2023. Disponível em: <https://globalsecurityreview.com/hybrid-and-non-linear-warfare-systematically-erases-the-divide-between-war-peace/>. Acesso em 1 de nov. 2025.

BBC NEWS BRASIL. Polônia abate drones da Rússia após “violação sem precedentes do espaço aéreo”. **BBC News Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8xrqlyy0g2o>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BBC NEWS BRASIL. Trump suspende ajuda militar para a Ucrânia: qual o impacto para Kiev? **BBC News Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cddy2dl948zo>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BERTRAND, N. EUA reduzem tropas no leste europeu, mas reafirmam compromisso com a Otan. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-reduzem-tropas-no-leste-europeu-mas-reafirmam-compromisso-com-a-otan/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

BOOTH, K.; WHEELER, N.J. Uncertainty. In: MCDONALD, M.; WILLIAMS, P.D. **Security studies**: an introduction. Oxon: Ed. Routledge, 2018. Cap. 9, p. 131- 146.

CNN. Aviões russos violaram o espaço aéreo da Lituânia, diz presidente. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/avioes-russos-violaram-o-espaco-aereo-da-lituania-diz-presidente/> . Acesso em: 1 nov. 2025.

Referências

CNN. Polônia neutraliza drone perto de instalações do governo. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/polonia-neutraliza-drone-perto-de-instalacoes-do-governo/#goog_rewarded. Acesso em: 1 nov. 2025.

COSTA, Oliver. **A União Europeia e sua Política Externa**: história, instituições e processo de tomada de decisão. Brasília: Cidade Gráfica, 2020.

DUFFIELD, J.S. Alliances. In: MCDONALD, M.; WILLIAMS, P.D. **Security studies**: an introduction. Oxon: Ed. Routledge, 2018. Cap. 18, p. 267- 281.

FAULCONBRIDGE, G; HUNNICUTT, T. Trump ameaça Rússia com submarino nuclear e pede fim da guerra na Ucrânia. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-ameaca-russia-com-submarino-nuclear-e-pede-fim-da-guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

FREITAS, P. O que é a guerra híbrida que pode já estar sendo travada entre Rússia e Europa. **Veja**, 2025. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/o-que-e-a-guerra-hibrida-que-pode-ja-estar-sendo-travada-entre-russia-e-europa/#google_vignette. Acesso em: 1 nov. 2025.

G1. Caças russos invadem espaço aéreo da Estônia e são interceptados por aviões da Otan. **G1**, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/09/19/cacas-russos-invadem-espaco-aereo-da-estonia-e-sao-interceptados-por-avioes-da-otan.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2025.

G1. Trump incentiva Zelensky a ceder territórios pelo fim da guerra: "A Rússia é uma potência, e eles não são". **G1**, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2025/08/16/trump-incentiva-zelensky-a-ceder-territorios-pelo-fim-da-guerra-a-russia-e-uma-potencia-e-eles-nao-sao.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2025.

HOLLAND, S. Trump volta atrás e diz que Ucrânia pode recuperar território contra Rússia. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-volta-atras-e-diz-que-ucrania-pode-recuperar-territorio-contrarussia/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

IKENBERRY, G. J. **After Victory**: Institutions, Strategic Restraint, and the Rebuilding of Order after Major Wars. Princeton: Princeton University Press, 2001.

Referências

INFANTE, T. Normative Power Europe? O Conceito e as suas Implicações na Identidade Internacional da UE. **Orbis**, 2022. Disponível em: <https://orbisirsa.pt/normative-power-europe-o-conceito-e-as-suas-implicacoes-na-identidade-internacional-da-ue/>. Acesso em 7 de dez. 2025.

KAGAN, R. **Do paraíso e do poder**: Os Estados Unidos e a Europa na nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

KEOHANE, R.O. Multilateralism: an Agenda for Research. **International Journal**, Toronto, v. 45, n. 4, pp.731- 764, dez. 1990. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/ijx/45/4>. Acesso em: 7 dez. 2025.

MACCHI, Lorenzo. Share of respondents indicating a positive, neutral, or negative image of the European Union in EU member states from Q1 2006 to Q4 2024. **Statista**, Hamburgo, 8 set. 2025. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1360333/euroscepticism-european-union-public-image/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

REUTERS. Zelensky apoia ideia de Trump de congelar linhas de frente atuais. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/zelensky-apoia-ideia-de-trump-de-congelar-linhas-de-frente-atuais/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

TAGGART, Paul; SZCZERBIAK, Aleks. The Party Politics of Euroscepticism in EU Member and Candidate States. **SEI Working Papers**, Brighton, Opposing Europe Research Network Working Paper v. 6, n. 51, 2002. Disponível em: <https://www.sussex.ac.uk/webteam/gateway/file.php?name=sei-working-paper-no-51.pdf&site=266>. Acesso em: 2 nov. 2025.

THE MOSCOW TIMES. Lavrov Backs NATO Using Ulyanovsk Base. **The Moscow Times**, 2012. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2012/03/14/lavrov-backs-nato-using-ulyanovsk-base-a13280>. Acesso em: 2 nov. 2025.

DANSETTE, Christophe. Terres rares : le plan européen pour réduire la dépendance à la Chine. **France 24**, 2025. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/%C3%A9missions/info-%C3%A9co/20251203-terres-rares-le-plan-europ%C3%A9en-pour-r%C3%A9duire-la-d%C3%A9pendance-%C3%A0-la-chine>. Acesso em: 15 dez. 2025.

UNIÃO EUROPEIA. White Paper for European Defence - Readiness 2030. **União Europeia**, 2025. Disponível em: <https://commission.europa.eu/document/download/e6d5db69-e0ab->

Referências

4 b e c - 9 d c 0 - 3 8 6 7 b 4 3 7 3 0 1 9 _ e n ? filename=White%20paper%20for%20European%20defence%20%E2%80%93%20Readiness%202030. Acesso em: 3 nov. 2025.

UNIÃO EUROPEIA. A Strategic Compass for Security and Defence. **União Europeia**, [s.d.]. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/documents/strategic_compass_en3_web.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.

UNIÃO EUROPEIA. A política externa e de segurança comum. **União Europeia**, [s.d.]. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/common-foreign-and-security-policy.html>. Acesso em: 3 nov. 2025.

WALKER, Shaun; COLE, Deborah. The Nord Stream riddle: echoes of mistrust ripple through Europe. **The Guardian**, 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/2025/nov/03/the-nord-stream-riddle-echoes-of-mistrust-ripple-through-europe>. Acesso em: 20 dez. 2025.